

## O corpo-atleta-olímpico sob escrutínio no Novo Ensino Médio

Flávio Nunes dos Santos Júnior<sup>1</sup>

Bárbara Silva Ferreira<sup>2</sup>

Marinete da Frota Figueredo<sup>3</sup>

Relatar a tematização dos Jogos Olímpicos desenvolvida nas aulas de Educação Física no contexto do Novo Ensino Médio na Escola Estadual Professor Tenente Ariston de Oliveira, localizada na periferia da cidade de São Paulo, eis a intenção do presente texto. A escolha do tema se deu em decorrência da realização do evento esportivo em Paris, no ano de 2024, bem como da indicação do assunto no material da rede estadual. Foram estabelecidos os seguintes objetivos: analisar as modalidades que ocorrem na comunidade, de modo a olhar para os espaços disponíveis e o(a)s sujeitos que as realizam; identificar a multiplicidade presente na identidade do corpo-atleta-olímpico; vivenciar parte das modalidades presentes nos Jogos Olímpicos, especialmente aquelas ainda não experimentadas pelo(a)s estudantes ao longo de sua trajetória educacional. Ao considerar o documento Currículo Paulista, selecionamos algumas competências e habilidades.

Quadro 01: competências e habilidades extraídas do Currículo Paulista

### COMPETÊNCIAS

- Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza;
- Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

### HABILIDADES

- (EM13LGG101) - Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

<sup>1</sup> Professor regente das turmas de terceira série da E.E. Tenente Ariston de Oliveira

<sup>2</sup> Participou ativamente do trabalho como bolsista de iniciação científica

<sup>3</sup> Participou ativamente do trabalho como pesquisadora de doutorado.

- (EM13LGG202) - Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

A definição dos objetivos e seleção das competências e habilidades foram influenciadas pelas conversas iniciais com a turma acerca da Educação Física acessada nos anos anteriores, bem como pelos conhecimentos que o(a)s estudantes possuíam a respeito dos Jogos Olímpicos.

Durante uma reflexão a respeito das aulas nos anos anteriores, uma estudante expôs o quanto a Educação Física constituía um momento gerador de angústia e agonia. “Por que quando eu falei da Educação Física em anos anteriores você disse ‘vixe’? Trauma?” Sensibilizada, respondeu: “Pelo óbvio né? Sou uma mulher gorda, tenho uma lesão no tornozelo por conta das aulas. A professora era ruim, não gostava da gente. Era aula na sala e prática. Ela dava nota, só que eu não podia fazer aula prática e o meu atestado estava vencido, ela não estava nem aí, fiquei com nota vermelha, fiquei doida”. Nessas circunstâncias apostamos na possibilidade de se discutir a produção e percepção do corpo-atleta-olímpico, além de criar momentos de vivência que pudessem ser acolhedores a todo(a)s.

Ao apresentar o tema selecionado ao(à)s estudantes, o grupo foi provocado a expor o que sabe a respeito da ocorrência dos Jogos Olímpicos: “Sei que o Brasil tá fora” [futebol]; “Sei que tem um monte de modalidades”. “Agora tem skate”. “Tem boxe também”. Diante do silenciamento de muitos, solicitou-se à turma a formação de trios para escrita de perguntas sobre o megaevento.

No encontro seguinte, as questões produzidas e entregues anotadas numa folha foram projetadas na tela. Ao apresentá-las, frisou-se que muitas se repetiam, enquanto outras fugiam da proposta. Alguns(mas) discentes responderam determinadas perguntas. Um estudante disparou “Você tem a resposta de tudo isso?”. A questão provocou uma reflexão acerca do papel assumido pelos sujeitos no espaço escolar: “Claro que não tenho, a gente vai descobrir ao longo dos estudos”. “Ah, então é melhor ficar sem professor. Tem que saber tudo”.

## Quadro 02: questões elaboradas pelo(a)s estudantes

1. Qual foi a última modalidade a ser adicionada nos jogos olímpicos?
2. Existe algum esporte que não está, mas que poderia ser incluído nas olimpíadas?
3. Onde surgiram as Olimpíadas?
4. Qual país tem mais medalhas de ouro nas olimpíadas?
5. Quem podia participar dos primeiros jogos olímpicos?
6. Qual foi o país anfitrião dos primeiros jogos olímpicos?
7. Quantas modalidades esportivas foram incluídas nos jogos olímpicos de Tóquio em 2020?
8. Em que ano o Brasil foi o país sede?
9. Quais são os desafios enfrentados pelos atletas durante os jogos olímpicos, além da competição esportiva em si?
10. Como as tecnologias têm influenciado e transformado a experiência dos espectadores e dos próprios atletas nos jogos olímpicos?
11. Qual cidade sediou os primeiros jogos olímpicos da era moderna em 1896?
12. Quais são as cinco cores dos anéis olímpicos e o que elas representam?
13. Qual o próximo país em que acontecerá os jogos olímpicos?

A turma foi provocada a identificar as modalidades pertencentes à edição dos Jogos Olímpicos de Paris, e posteriormente incentivada a olhar quais ocorrem na comunidade e quais são possíveis de se realizar na aula. “esgrima”, “futebol”, “basquete”, “vôlei”, “tênis”, “breaking”, “handebol”, “salto em distância”, “ginástica rítmica”, “atletismo - corrida, arremesso”, “rugby”, “skate”, “judô”, “boxe”, “badminton”, “tênis de mesa”, “golfe”, “tiro com arco” foram mencionadas enquanto possibilidades. Já futebol e tênis foram as únicas mencionadas quando se tratava de ocorrência no bairro onde a maioria reside. Em meio ao debate, o(a)s educando(a)s foram indagado(a)s acerca de quais ainda não tinham sido experimentadas, uma parcela do grupo deu destaque para as seguintes: tênis, rugby, skate, judô, boxe, golfe.

Na aula posterior nos esforçamos em identificar as modalidades e atletas que mais despertam interesse no público brasileiro e a forma como o(a)s atletas são selecionado(a)s para participarem dos Jogos. Para tanto, propusemos a leitura de dois textos<sup>4</sup>. Percebemos que a turma possuía informações tímidas dos nomes de atletas brasileiro(a)s, as pessoas mais referidas foram Neymar, Marta e outros jogadores da equipe masculina de futebol. Rapidamente, respondemos que o Brasil não tinha conseguido vaga no futebol masculino, tornando as menções dissonantes com o nosso propósito. Foi a deixa para chamar a discussão no tocante à estética do atleta. Corpo magro, forte e alto foi enunciado como

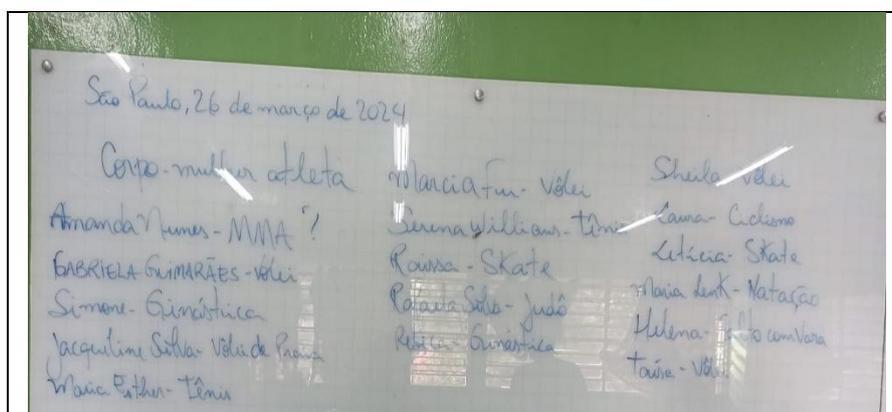
<sup>4</sup> Textos que subsidiaram a discussão: texto 01 – [Jogos Olímpicos: veja o ranking de atletas e esportes que mais despertam interesse dos brasileiros](#); texto 02 – [Brasil tem 277 atletas classificados para os Jogos Olímpicos](#).

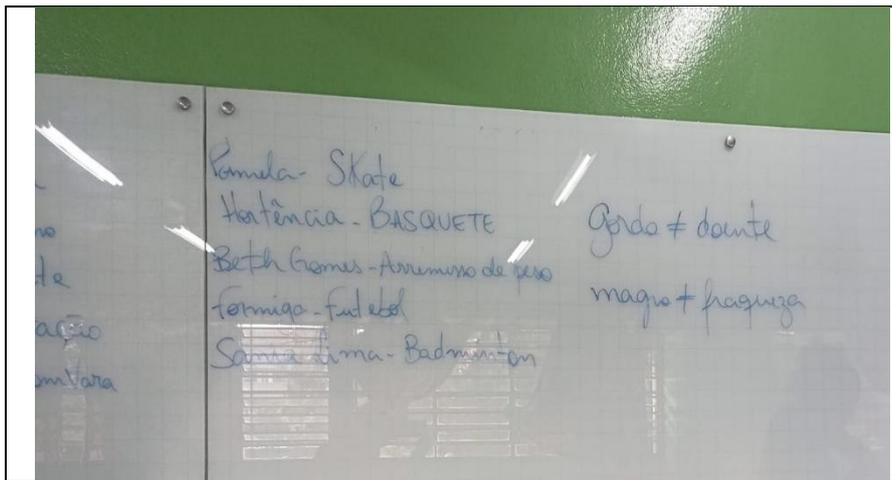
padrão. Terminada a discussão, propusemos uma ida à quadra para jogar voleibol. A escolha dessa prática corporal enquanto modalidade a ser experimentada passa diretamente pelo fato de sua ocorrência na comunidade, especialmente por uma parcela da turma que confessou realizá-lo nas ruas do bairro.

A turma pareceu ter gostado da ideia, não só pelo fato de sair da sala, mas também pela prática corporal a ser experimentada. O(A)s estudantes formaram grupos por conta própria, sem muita formalidade. Juntaram-se conforme a afinidade. Não escolheram tomando como princípio a questão da habilidade. Não houve limitações no número de participantes por grupo. Quem demonstrou interesse em jogar se acomodou no time que mais lhe agradasse. Algumas pessoas começaram retraídas, timidamente ficavam num lugar de pouca exigência e sem esboçar qualquer movimentação. Quem tinha mais facilidade para realizar a gestualidade foi incentivado a explicar ao(à)s colegas que apresentavam dúvidas. A cada levantada e cortada, surgiam provocações e comemorações.

Uma análise do corpo-mulher-atleta emergiu em um novo encontro. Solicitamos uma busca na internet de nomes de atletas mulheres, uma vez que a imagem masculina futebolística fora realçada. Enquanto localizavam as informações, alguém citou o nome de Diego Hypólito e o fato dele se sentir mais à vontade de expor sua sexualidade após o fim da carreira por receio de sofrer retaliações das entidades esportivas e patrocinadores. Com isso, percebemos que o mundo esportivo impõe a heterossexualidade enquanto norma para o corpo-atleta. Conforme localizavam informações que julgavam interessantes, o(a)s estudantes comunicavam-nas ao(à)s colegas .

Imagem 01: nomes de atletas mulheres





Fonte: arquivos do autor

Ainda nos desígnios da invisibilidade das mulheres no esporte, outros corpos foram postos na cena. Animados pelo desejo de diversificar as percepções em torno da estética da atleta mulher, apresentamos vídeos da atleta paralímpica Tuany Priscila, um corpo com deficiência-gordo-negro-feminino; da atleta Edinancy Silva, um corpo feminino-intersexual submetido a diversos constrangimentos quando teve de provar sua feminilidade; e da Caster-Semenya, um corpo negro-feminino-sul-africano, que tem vivenciado situações semelhantes às de Edinancy em função dos níveis de testosterona que seu corpo produz naturalmente.

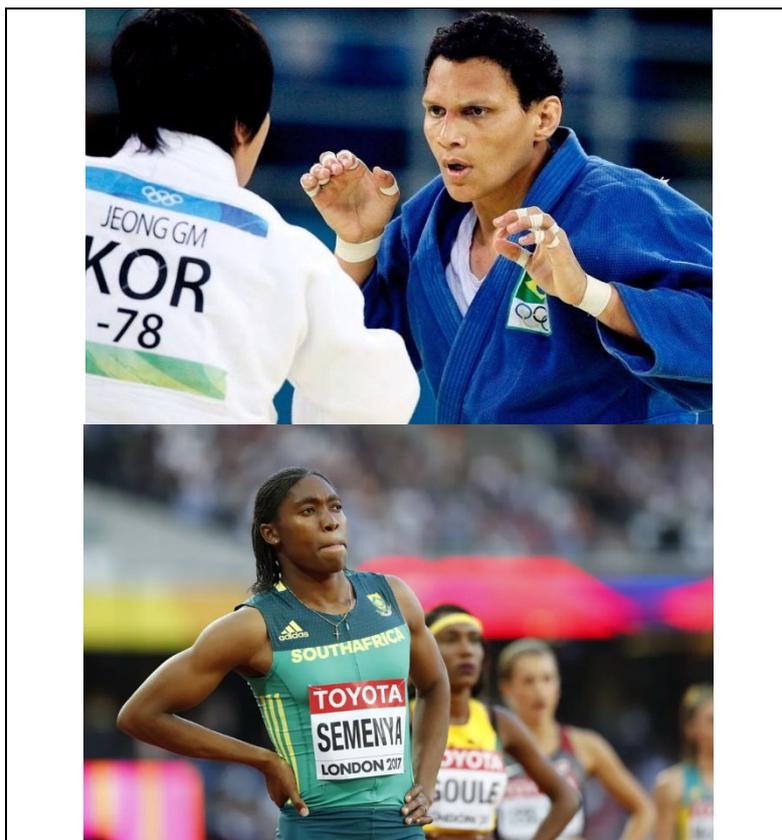
A exposição da imagem de Tuany rendeu provocações: “Se você vê essa mulher na rua, você fala que ela é uma atleta?” Um estudante comentou: “Não, porque ela é obesa”. Indagamos: “Por que a gente idealiza esse corpo?” Outra estudante: “Quando a gente vê um gordinho, a gente não imagina que pratica esporte porque seu corpo não atende as características do corpo atleta”. Uma estudante mencionou conhecer uma pessoa gorda de bom condicionamento físico. Na ocasião, Arthur destacou que ser magro também não é sinônimo de fraqueza. A conversa provocou uma retomada aos desenhos assistidos pelo(a)s estudantes durante a infância. “O desenho que eu assistia não tinha personagens gordos”. Frisaram as representações do sujeito gordo produzidas e reafirmadas pelas animações: um corpo engraçado, bananão, zuado e/ou triste. Na ocasião citaram Shrek e outras produções em que o personagem gordo é visto comendo o tempo todo e em abundância. Ao falar de Semenya e Edinancy, as emoções ficaram mais intensas. “Antes as mulheres tinham que desfilarem na frente dos homens para poder participar. Pelada! [...] As mulheres têm que provar que são mulheres nesse contexto aí do esporte”.

Um estudante comentou a necessidade de se adotar uma postura rígida contra o corpo atleta-intersexual – “não tem que deixar mesmo não, porque senão eu posso muito bem chegar lá e me inscrever para competir em modalidade feminina”. Isso desencadeou outras afirmações: “Nasceu com pau é homem”. “Biologicamente é homem”. Boa parte dos meninos deram risada e concordaram balançando a cabeça. Uma estudante contesta energicamente: “Sim, mas a pessoa não é só o biológico”. Outra estudante: “Não quero falar desse assunto, tenho amigos trans e me incomoda”. “Por que?”. “Por conta do sofrimento que essas pessoas sentem”. Na ocasião, várias meninas do grupo se posicionaram: “Esse tipo de coisa quando começa a falar me dá dor física porque eu tenho amigos trans”. “Muita gente não entende de que não se trata de como nasceu e sim de como se sente”. “Sou uma mulher, quem te garante que eu não tenho uma rola?!”. “Acho muito limitante reduzir o corpo ao órgão: é homem, o que significa nascer com um pênis?”. “Eu concordo com as meninas. Não é porque nasceu com um pênis que é um homem, é como se sente. Não é uma questão biológica que define homem ou mulher, é como ela se sente”.

Diante dos apontamentos, sintetizamos: “A gente reuniu vários nomes, algo que não aparecia quando eu perguntava ‘fala o nome de uma mulher aí [...]’. A gente viu que esse corpo mulher atleta é múltiplo, ele não é único, existe mulher atleta que é gorda, existe mulher que tem sua feminilidade questionada por não apresentar o padrão desejado. Então, esse corpo magro não é sinônimo de fraqueza, como Arthur colocou, mas também não é sinônimo de saúde, como as pessoas imaginam às vezes, e que ser gordo não significa ser doente”.

Imagem 02: de cima para baixo - Tuany Priscila, Edinancy Silva ed Caster- Semeneya





Fonte: google imagens

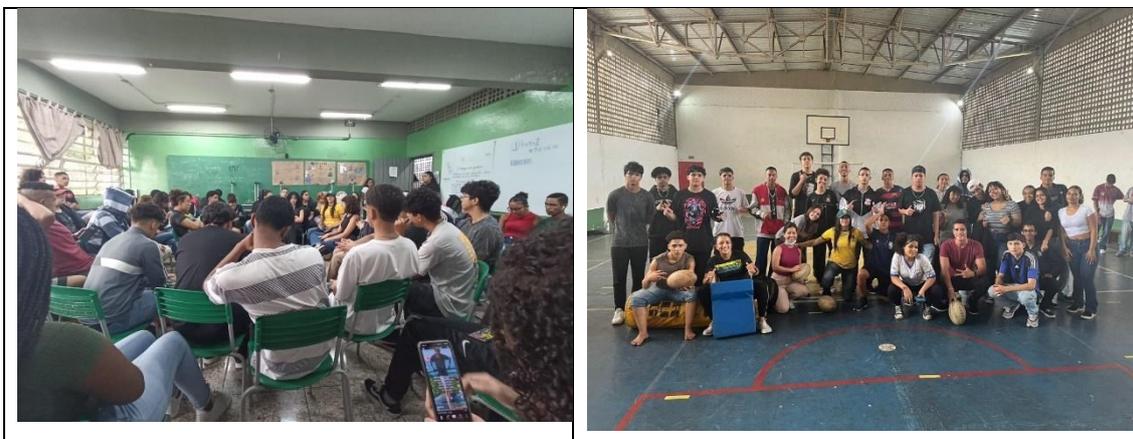
O diálogo nos atravessou de forma peculiar, a mim, Bárbara e Marinete (pesquisadoras). Trocamos impressões daquilo que tínhamos acabado de testemunhar, não faltaram indagações: o que fazer? Encerrar o debate ou estender? Como possibilitar a emergência de novas percepções a respeito do corpo-atleta-feminino? Quais materiais poderiam subsidiar os próximos encontros? Em meio às incertezas, Bárbara comentou o engajamento de algumas pessoas do seu grupo de rugby e articulou uma conversa com Claudinha e João.

No encontro seguinte recebemos a convidada, Claudia Teles, ex-atleta olímpica da seleção brasileira de rugby, e João Lucas, jovem atleta e bolsista do programa federal Bolsa Atleta. Reunimos em uma única sala estudantes de duas turmas do Ensino Médio. Iniciamos com uma retrospectiva da aula anterior, e expusemos a importância e necessidade de ouvir quem vive na pele as circunstâncias de ser atleta. Em meio à circularidade, o diálogo fluiu com o(a)s discentes apresentando comentários e indagações em consonância à fala enunciada pelo(a)s convidados. O encontro permitiu abordar assuntos que atravessam a ocorrência do rugby, como: questões de gênero (ser homem trans no meio esportivo e ser mulher numa modalidade de extremo contato físico) e racial,

trajetória pessoal na modalidade, casos de assédio, relação familiar, dificuldades de inserção no meio esportivo de alto rendimento, luta das mulheres no rugby, as funções que podem ser assumidas por diferentes corpos (biotipos) dentro da equipe, materiais de treinamento e de jogo, relação entre jogadore(a)s e juiz e diferentes versões da modalidade.

Após a conversa, nos dirigimos à quadra para uma vivência. Cláudia e João organizaram o espaço, orientaram o aquecimento, as atividades entendidas como de familiarização ou adaptação e o jogo propriamente dito. Esse, porém, com regras modificadas, de modo a reduzir o contato físico entre o(a)s participantes. Observações, comentários, risadas, gritos e aplausos ecoaram no ambiente. A disposição daquele(a)s que participaram diretamente das atividades foi algo muito bonito de se ver, contagiando quem estava de fora que pedia para fazer parte do jogo. O tempo de aula se esgotou e diverso(a)s estudantes desejaram continuar na quadra, a fim de dialogar com João e Cláudia. Cláudia deixou o contato e colocou-se à disposição para recebê-lo(a)s no [NAR](#) (Núcleo de Alto Rendimento) para a realização de testes.

Imagem 03 – encontro com Cláudia e João Lucas





Fonte: arquivos do autor

No encontro seguinte retomamos o percurso, convidando o grupo para uma reflexão sobre aquilo que foi produzido com João e Cláudia, buscando destacar falas, comentários, curiosidades e a experimentação das técnicas apresentadas pela dupla. Ao finalizar a atividade, Luíza pediu a palavra para relatar um acontecimento relacionado a uma atleta não-binária. Comentou que numa competição, uma atleta teve sua vitória contestada pelas suas pares, que se sentiram injustiçadas por conta do nível de testosterona que ela possuía. O momento foi tomado por pessoas a favor das reclamações disparadas pelas perdedoras, enquanto Luíza e algumas colegas argumentaram em torno da violência e exclusão sofrida pela atleta. Por último, pedimos ao(à)s estudantes que foram ao NAR para comentarem sua participação no teste de rugby.

Imagem 04: estudantes visitando o NAR para um teste de rugby



Fonte: arquivos do autor

Influenciados pelas conversas iniciais da tematização, apostamos no trabalho com outra modalidade, o boxe. Mais uma vez, buscando aproximação com as vozes de representantes, convidamos o professor de Matemática da unidade, Leandro. Além de aceitar a solicitação, o docente ainda fez contato com o amigo e companheiro de luta Vagner, para colaborar com a atividade. Os dois compareceram à unidade munidos de luvas, bandagens, capacete, protetor bucal e outros implementos do boxe. Na quadra, nos dispusemos em roda para uma conversa. Leandro falou brevemente sobre o seu engajamento no boxe. Enquanto Vagner relatou seu início na modalidade, dando destaque ao fato da luta ter permitido seu afastamento das drogas e as motivações para prática. Ambos falaram da parte histórica, dos acessórios que portavam e das frequentes associações entre luta e briga - “Uma arte na nossa mão também pode ser uma arma”. Ao adentrarem à organização do boxe, falaram sobre regras, posição de defesa, golpes considerados básicos, como, jab, direto, gancho e cruzado. Sublinharam a proibição de golpear adversário pelas costas.

As verbalizações foram seguidas por demonstrações. Aos poucos, o(a)s estudantes se permitiram experimentar. Cada qual do seu jeito e do modo como se sentiu à vontade. Enquanto alguns/mas assistiam atentamente e ficavam impressionado(a)s com os golpes e empolgação de colegas, outro(a)s, de forma espontânea, filmaram as cenas, formaram

pequenos grupos para pular cordas (treinamento demonstrado pelos convidados) e realizaram alguns gestos. Numa dinâmica de pura experimentação, meninos e meninas, com suas singularidades corporais, se aventuraram no boxe. Revezavam o uso das luvas, colocavam-se à disposição para trocar, recebiam atentamente as informações passadas pelos convidados e colegas de turma que tinham algum conhecimento da luta. Cansaram, descansaram, fizeram graça, brincaram. No final, agradecemos coletivamente o carinho e a atenção que nos foram entregues por Vagner e Leandro.

Imagem 05: vivência de boxe



Fonte: arquivos do autor

Na aula posterior dialogamos a respeito da interação com Vagner e Leandro. Convidamos a(o)s estudantes a relatarem, de forma verbal e escrita, as impressões sobre o encontro. A escrita estudantil deu pistas das marcas impostas pela narrativa do boxe enquanto prática que possibilita afastamento das mazelas que assolam as vidas periféricas, especialmente do(a)s jovens. O que influiu a vontade de problematizar o caráter salvacionista do esporte, a partir de algumas provocações acerca da sua ocorrência nos espaços públicos do bairro.

Imagem 06: análise da ocorrência do esporte na periferia

**Projeto leva boxe para ocupação na Zoa do Capão Redondo**

"Time Social" é idealizado pelo atleta Guilherme Miranda e pela diretora de fotografia Vá

1. O esporte por si só tem potencial para salvar as pessoas?

2. Quais pessoas (não)são colocadas nessa narrativa da salvação?

**ESPORTE NO NOSSO TERRITÓRIO**

**• A IDEIA DO “ESPORTE SALVA” CABE PARA ESSAS PESSOAS?**

Clube Paineiras do Morumbi

Club Athletico Paulistano

Fonte: arquivos do autor

Após identificar os espaços disponíveis no território para prática esportiva e os corpos que geralmente os ocupam, a turma foi incitada a analisar como o esporte atravessa a vida de jovens de diferentes classes sociais. Luiza partilhou o quanto o esporte ajuda seu irmão a lidar com as emoções; Arthur mencionou as dificuldades de um amigo em se desenvolver na luta em função da ausência de apoio financeiro. Uma parte do grupo salientou a prática recorrente de esportes enquanto algo que contribui para a saúde mental. Diante de imagens de adolescentes esportistas de clubes situados em bairros elitizados e da indagação - “A ideia que o esporte salva está colada nessas pessoas?” – a(o)s estudantes enunciaram que a preocupação das pessoas economicamente privilegiadas é diferente das empobrecidas, enquanto o primeiro grupo busca apenas aprender, se educar,

o segundo, além de almejar o mesmo, vislumbra a possibilidade de ascensão social ou até mesmo o distanciamento da criminalidade.

A conversa fez perceber que a relação entre esporte e drogas não demonstra ser algo tão distante como apregoam. Ao falar sobre o assunto, Artur pontuou a existência de atletas famosos que costumam consumir drogas ilícitas - “O que mais tem são atletas que usam drogas”. Embaladas com a fala do colega, algumas meninas sinalizaram já terem visto nas redes sociais postagens de atletas com copos de bebidas alcoólicas e notícias de acidentes provocados em decorrência de embriaguez.

Também apostamos na presença de um representante da dança breaking. Procuramos dançar e conversar acerca da inserção dessa prática nos Jogos Olímpicos, com vistas a identificar suas características enquanto modalidade esportiva e dança periférica urbana. Importante destacar o estreito vínculo da comunidade onde a unidade está inserida com a cultura hip-hop, compondo diretamente as histórias de vida de diverso(a)s discentes e seus/suas familiares.

Bárbara “mexeu os pauzinhos” para convidar um conhecido, Lucky, que gentilmente percorreu cerca de 25 quilômetros para nos brindar com seus saberes e experiências. Oriundo do Grajaú, bairro do outro extremo da zona sul da cidade, iniciou sua fala se apresentando e, em seguida, falou sobre o trabalho que desenvolve com crianças e jovens da periferia. No decorrer do encontro pontuamos a dança em contextos diferentes: estação São Bento do metrô e Jogos Olímpicos. Com o apoio de vídeos, identificamos os corpos envolvidos, os espaços, as gestualidades e os códigos. Debates acerca da relação arte e esporte que atravessa a dança na contemporaneidade. O(A)s estudantes indagaram, proporcionando a circulação de conhecimentos imprevisíveis: – “Como é a interação entre os jovens pretos com o breaking, porque muitas pessoas não têm ciência de que é uma dança originada no povo preto, então eu queria saber na sua percepção como que é isso, você como um homem preto, como é que foi para você ‘nossa, essa dança foi feita por pessoas como eu?’”. Teve quem perguntou se o breaking ainda é muito marginalizado; se o fato do breaking ter se tornado modalidade olímpica pode ser visto como abertura de portas à prática; como se define o vencedor na competição; se na Casa do Hip Hop de Diadema tem outras oficinas além do grafite e do breaking; se o breaking é para todos os corpos ou apenas corpos magros.

Embora, na sala de aula, o(a)s estudantes tenham ficado bastante atentos à fala e apresentação do professor, na quadra poucos se sentiram à vontade para participar da proposta. A maioria optou por assistir. Foi interessante observar que estudantes

tímido(a)s, que pouco falam, se envolveram. [A atividade foi cheia de desafio](#), criatividade e elegância. Lucky apresentou os gestos característicos da dança: toprock; footwork; drops; floor rocks; power moves; freezes. Posteriormente, sugeriu ao(à)s discentes a realização de gestos básicos a partir de diferentes configurações: com ele à frente, reproduzindo uma sequência no ritmo da música de James Brown; em roda, com cada participante tendo de ir ao centro para realizar a gestualidade que achasse mais pertinente, desafiando outro(a) colega a fazer o mesmo antes de sair; em duplas, saindo da extremidade ao centro da quadra fazendo passos que considerassem convenientes. O convidado teve o cuidado de apresentar gestos que fazem parte da dança breaking e, ao mesmo tempo, deixou o grupo à vontade para criar outros conforme suas experiências. Em momento algum se viu uma tentativa de fixar um único modo de se fazer as coisas. No encerramento, coletivamente agradecemos a presença e o esforço empreendido por ele para estar conosco numa manhã de terça-feira, compartilhando suas experiências.

Na aula seguinte, trocamos impressões acerca da atividade comandada por Lucky e, posteriormente, assistimos vídeos disponibilizados no YouTube do [breaking na estação São Bento](#) e nos [Jogos Olímpicos](#).

Ao voltar do recesso do mês de julho, pretendíamos abordar outro tema, mas o furor dos Jogos Olímpicos estava latente. Então decidimos partilhar impressões a respeito de acontecimentos que a turma acompanhou pelos diferentes canais de comunicação. O(A)s estudantes comentaram sobre o surfista Gabriel Medina; as conquistas de Rebeca Andrade; as provas de salto em distância; as partidas de Duda e Ana Patrícia no vôlei de praia e as lutas de Bia Ferreira. Luiza chamou atenção para as conquistas do ouro por duas atletas, Rebeca e Bia Souza (do judô), ressaltando o fato da Bia possuir uma estética que foge completamente do padrão – “a Bia é uma mulher preta e gorda”. Viviane lembrou as fake news produzidas contra a boxeadora argelina – “a vida dela ficou em risco, no país onde ela vive é proibido a homossexualidade”; o feito da skatista Rayssa Leal, a brasileira mais jovem a subir no pódio olímpico também foi destacado pelo(a)s estudantes. Após as suas falas, apresentei um vídeo de Caio Bonfim, atleta medalhista na marcha atlética, dando depoimento acerca das dificuldades de praticar a modalidade no país por conta dos discursos machistas.

Propusemos jogar basquete 3x3, modalidade que ocorre na comunidade e que ainda não tinha sido experimentada pelo(a)s estudantes nas aulas de Educação Física. Um grupo se reuniu de um lado da quadra. Maioria meninos que já possuíam certa experiência com a modalidade. As cenas deram a perceber a existência de uma disputa acumulada há

um tempo. As jogadas eram muito intensas. Os arremessos convertidos eram celebrados com muito entusiasmo. Alguns estudantes preferiram apenas observar. A outra metade da quadra foi ocupada por discentes que se sentiram mais confortáveis em apenas arremessar. A disposição foi questionada, os presentes notaram e atribuíram a configuração ao fato dos meninos realizarem uma disputa exaltada.

A finalização do trabalho coincidiu com o término dos Jogos Olímpicos 2024. Mais uma vez, abrimos espaço para o(a)s estudantes falarem do que viram e ouviram sobre o evento. Mencionaram: a exclusão do breaking da próxima edição; a contestação das notas atribuídas às atletas brasileiras de ginástica; o domínio europeu na composição do quadro de arbitragem da ginástica; a final do futebol feminino entre Brasil e EUA; e a canoagem. Realizamos a leitura compartilhada do texto [“Mulher, preta, brasileira”](#) disponibilizado no portal UOL, que ressalta o feito das mulheres conquistarem mais medalhas do que os homens, fazendo referência aos investimentos financeiros dos últimos anos, os enfrentamentos históricos das mulheres no esporte (especialmente a proibição sofrida em razão de sua natureza ser considerada incompatível para a prática de esportes de contato) e a ocupação delas nos cargos de técnica e gerência do esporte. Também visualizamos notícias de atletas refugiadas, com especial atenção para a punição sofrida pela atleta-dançarina afegã Manizha Talash por ter exibido mensagem política – “liberdade às mulheres afegãs” - durante a apresentação de breaking. Tal feito foi observado com indignação e perplexidade, pois o breaking historicamente se vincula à contestação, à resistência. Bárbara lembrou que o tratamento foi bem diferente para a treinadora húngara de ginástica rítmica, que passou impune ao reproduzir um gesto semelhante ao símbolo usado por grupos de supremacia branca e neonazista, White Power.

Encaminhando o trabalho, convidamos o(a)s estudantes a analisarem o percurso. Foi-lhes apresentado um resumo dos registros ([vídeos e imagens](#)) de diferentes momentos. Frisamos que a construção do percurso não se deu de forma *a priori*, mas sim, a partir dos enunciados discentes e os objetivos traçados inicialmente. Além disso, demos destaque ao fato de buscarmos criar condições em que o(a)s discentes pudessem experimentar as práticas corporais propostas conforme suas singularidades, bem como compreendessem a multiplicidade presente na subjetividade atleta, com vistas a borrar narrativas que estabelecem o corpo magro, masculino, branco, cis, hetero, europeu como única forma de existência.